



12º Domingo depois de Pentecostes (07.08.05) Próprio 14

1ª leitura - Jonas 2.1-9

Seja alegórica ou fato histórico, o que importa para nós em relação à experiência vivida pelo profeta no ventre do peixe, é o que podemos extrair dela para nosso crescimento espiritual. Jonas fora chamado por Deus para levar a mensagem de salvação para a cidade de Nínive. Ele se recusa e a partir daí começa a passar por reveses, que acabam culminando na experiência dentro do peixe. O que podemos tirar para nós de aprendizado desta situação?

Que o chamado de Deus é irresistível.

Que não devemos recusar quando Deus nos dá uma tarefa.

Que os intentos de Deus não podem ser frustrados.

Muitas vezes somos lançados às ondas do mar bravio por causa de nossa desobediência e não raro, somos tragados pela escuridão da vida, que é como se estivéssemos realmente dentro de um grande peixe em meio ao mar revoltado e na escuridão! O resultado final de toda essa situação foi que depois de Jonas ter passado por tudo, resolveu levar a cabo a missão que Deus lhe entregou. Com isso a cidade de Nínive ouviu a mensagem de Deus e pode se converter, ou melhor, mudar de rumo e seguir em frente de acordo com a vontade de Deus. *(Rev. Haroldo Mendes)*

2º. Comentário – Jonas é um livro muito cativante e intrigante. São apenas quatro capítulos e cada capítulo representa um cenário. (1) Jonas entre os gentios (pagãos); (2) Jonas com Deus na barriga de um peixe; (3) Jonas entre os gentios em Nínive; (4) Jonas com Deus em Ninive. É intrigante porque o livro prega uma peça no seu leitor. A cada passo ele está diante de uma pedra de tropeço. Vem a palavra de Deus a Jonas: levanta-te, vai a Ninive, a grande cidade e proclama... Que aconteceu? Ele levantou-se e foi...

À primeira vista, ele é um profeta resoluto. Moisés e Jeremias e Elias ficaram relutantes diante da chamada. O pregador gostaria de ver um modelo como esse. Mas que acontece? Jonas embarca em um navio que vai na direção oposta a Nínive, para as bandas da Espanha. Esta é uma das peças que o livro prega para os leitores. É claro que, neste caso, logo se vê que o levantar de Jonas não correspondeu ao chamado divino.

Mas surge a pergunta: que tipo de profeta é esse? No segundo chamado, depois de ser vomitado pelo peixe, ele vai a Ninive e a palavra é anunciada e acontece a conversão em massa e até a natureza se converte. Que profeta teve essa experiência? Ele próprio não está entusiasmado. Assim, passo por passo, há uma pedra colocada no caminho da leitura. A revelação acontece no fim e os primeiros capítulos ficam iluminados com o que se revela. E quem sabe, também, o leitor.

A perícopes de hoje traz apenas a oração de Jonas. Trata-se da descida e a descida representa o movimento para a sepultura, morte e afastamento de Deus e de sua comunidade. A subida é o oposto. A oração tem semelhança com os Salmos 30 e



42. Das profundezas da morada dos mortos: sheol, abismo, da sepultura, do abismo ele clama por libertação. (Ver Gn 37:15; Sl 88.3) Em alguns textos é o lugar onde Deus não está (Ver Sl 6:15; 88:5; Is 38:18). Em outros textos nenhum lugar escapa à presença de Deus (Ver Sl 139:8; Am 9:2; Jo 26:6).

Do abismo Jó clama por Deus mas o acusa de tê-lo lançado ao abismo – “Estou aqui em agonia porque Tu me jogaste aqui”, se coloca numa posição favorável e dá uma boa pincelada na sua autobiografia – “Sou piedoso, espiritual, tanto assim que estou preocupado com a minha presença no Templo (tornarei a ver o teu santo templo?, v.4)”. Nos versos seguintes, ele fica falando de si mesmo e quando alcança o fundo do abismo e da agonia sua oração é ouvida. Vem então o agradecimento que é uma pedra de tropeço para os leitores. Jonas assume um tom triunfal: a oração do piedoso e justo foi ouvida, por isso, agradece e pragueja contra os ídólatras que abandonam a misericórdia e fidelidade de Deus.

O que está em jogo é a tentativa de restringir a misericórdia de Deus, de acordo com sua espiritualidade, sua ideologia. O que se revela (4:1ss) é que Jonas quer restringir o exercício da misericórdia de Deus. Por isso, ele não quis ir a Nínive. A Boa Notícia ali proclamada é o Deus que liberta o seu povo, a humanidade do exclusivismo destruidor e leva as pessoas a ver e rever Sua face, e a face de outros, em novas circunstâncias, no sentido de libertar, redimir, e reconstruir as pessoas e as comunidades. (*Dom Sumio Takatsu*)

Epístola - Romanos 9.1-5

É uma contraposição dramática àquele crescendo de júbilo, de confiança que culminou na expressão “quem nos separará do amor de Cristo?”. Abruptamente, o leitor é conduzido às profundezas da agonia: “... tenho grande tristeza e incessante dor no coração” (9:2). Agora o apóstolo se dispõe a ser amaldiçoado, tal como Moisés, em favor dos que criaram e adoraram o bezerro de ouro (Ex 32:31-32). Por isso os capítulos 8 a 9 até recentemente foram considerados apêndice ou divagação. Hoje são considerados capítulos que expõem a imparcialidade da ação justificadora de Deus (ver 3:22 e 10:12) sob a perspectiva da constância e fidelidade de Deus. Não há favoritismo e todos vivem sob a dependência da misericórdia de Deus. É isso que significa viver pela fé e não por outras garantias humanas. Essa linha de pensamento teológico suscita algumas questões para os leitores em relação à situação experiencial missionária no tempo do apóstolo. Não houve conversão ou adesão ao Evangelho por parte da maioria dos judeus. Que há, então, com a promessa divina? Se não há fidelidade por parte de Deus, como pode o apóstolo proclamar a fé como confiança na promessa divina? Fracassou a Palavra de Deus? À vista dessas questões (e outras lidas nas entrelinhas), Paulo responde passo a passo.

O trecho selecionado para este domingo coloca dois pontos. Paulo se solidariza com os de sua etnia, “a quem pertencem adoção, a glória, as alianças, a lei, o culto, as promessas, os pais, enfim dos quais, segundo a carne, descende o Cristo”, (1:3ss) “que está acima de tudo”. É importante salientar que não há nenhum ataque ao judaísmo. Também é bom observar que, mais adiante, Paulo não diz que a Igreja



substituiu Israel de Deus como insinua ou afirma o Evangelho de Mateus. No recorte de hoje o foco de atenção passa rapidamente da "autobiografia" ou da experiência apostólica para a questão de Deus (adoção, aliança, lei...). Porém, nos capítulos 9 a 11 os argumentos são apresentados passo a passo: constância, fidelidade insondável de Deus para que todos - judeus e gentios - sejam salvos. Para compreender isso é bom retomar o que dissera Paulo a respeito de Abraão (cap. 4). É a mesma argumentação que ele seguirá agora ao se referir à lei e profetas (capítulos 9 a 11). Trata-se de uma nova leitura do Antigo Testamento onde se tem a percepção de que a fidelidade e misericórdia de Deus para com todos são insondáveis. É um mistério que não se pode encaixar dentro da previsibilidade.

O acento mais forte é que ninguém pode se gabar das instituições e se apegar nelas como garantia. Isso vale, naturalmente, para a Igreja. Isso não significa descartar-se das Escrituras e de suas instituições. Há diferença entre as Escrituras e a experiência (tradição) como sinal e as mesmas como "garantia". O sinal nos remete para a dependência confiante e libertadora em Deus que nos abre sempre caminhos onde parece não ter saída, sem se apegar a "ídolos". É isso que significa a ressurreição de Cristo. Neste sentido, há pontos de convergência entre o Livro de Jonas como um todo e a Epístola. (*Dom Sumio Takatsu*)

Santo Evangelho - Mateus 14.22-33

Há algumas semelhanças entre a narrativa do evangelho de hoje e o trecho de Jonas (1ª leitura). Em ambos há água (mar ou lago), tempestade, perigo, ameaça de morte e pessoas apavoradas. As águas revoltas do mar, contrárias a água vivificante, simbolizam as violências da destruição. No relato de Mateus Jesus está ausente, em oração. Longe dele, os discípulos enfrentam ondas e adversidades no mar. Quando Jesus se faz presente novamente, o vento cessa e os que estavam na barca se ajoelham reconhecendo ser ele o Filho de Deus. Esse reconhecimento, em meio a tantas "tempestades", vem do risco da fé.

13:22. O verbo usado é bem forte - Os discípulos não simplesmente "enviados", mas "compelidos a ir" ("obrigados" - Tradução da Bíblia Pastoral) para o "outro lado do mar", Genezaré, parte da Galiléia dos Gentios. A travessia e o barco sugerem a Igreja em Missão no mundo conturbado.

13:27 - Quando Jesus aparece, afirma "Sou eu!" Essa afirmação lembra o "Eu sou" (Ex 3:13ss). Além disso, ele anda "sobre o mar". Na tradição bíblica, "mar" designa "as nações". Andar sobre as águas é símbolo do senhorio de Deus (Sl 38:16; 77:19; Is 43:16; 51:9-10). A Igreja em missão sempre enfrentou circunstâncias conturbadas. Essa é a experiência de hoje, também. Contudo, o texto assegura que Jesus é o Senhor da história.

O estímulo à confiança e a não temer sempre acompanha a comissão e o envio (Is 35:4; 40:9). Ouvimos palavras semelhantes na despedida litúrgica: "sede corajosos e fortes no testemunho do Evangelho".

13:33 - A semelhança desse versículo com 28:17 é evidente. Trata-se da proclamação da ressurreição. É sinal de que o episódio foi retrabalhado na redação



final à luz das tribulações enfrentadas pela igreja mateana (perseguições de judeus e gentios).

13:28 – Pedro duvida do senhorio de Cristo. Porém, cuidado para não condenarmos apressadamente o apóstolo. Todos nós também duvidamos, em um ou outro momento da vida. A fé não suprime a dúvida. Aliás, a dúvida é parte integrante da fé. Certamente na caminhada histórica da Igreja há momentos de desânimo. Mas a fé que duvida também interage com o Senhor. Dialoga, questiona e, ao final, obedece. Assim é a vida cristã. *(Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)*.